



Asli Erdogan

Escritora, recentemente presa e libertada pelo regime turco

“ Se a Turquia tivesse sido aceite na União Europeia, as coisas não teriam chegado a este ponto. Foi uma oportunidade que agora está perdida ”

EMÍLIA CAETANO



E

Escritora, jornalista, nascida em Istambul há 49 anos, viu-se subitamente abrangida pela onda de prisões desencadeada pelo regime turco, após a tentativa de golpe de Estado de julho de 2016. Formada em Física de Partículas, trabalhou no Centro Europeu de Investigação Nuclear (CERN), na Suíça, até ao dia em que decidiu que a escrita seria o seu futuro. Defensora dos direitos da minoria curda, seria levada em meados de agosto para a cadeia, onde ficaria quatro meses e meio. Libertada no final de dezembro, ainda não terminou, no entanto, as contas com a Justiça. O seu romance *O Edifício de Pedra* acaba de ser posto à venda em Portugal, com a chancela do Clube do Autor.

Como lhe sucedeu trocar a Física pela Literatura?

Vivi dois anos, entre 1994 e 1996, no Rio de Janeiro. Fui para lá fazer o doutoramento na Pontifícia Universidade Católica. Entretanto, foi publicado em Istambul o meu primeiro romance, *A Cidade do Manto Vermelho*. E nessa altura já estava bastante desapontada com o meu trabalho no CERN, porque o ambiente era duro, muito competitivo, muito dominado por homens. Trabalhava muitas horas sob grande pressão. Não posso dizer que mudei para a literatura. Foi mais uma transformação que sucedeu lentamente, na escuridão. Uma manhã acordei para ir fazer o meu último exame e não fui. Disse 'acabou'. Soube que terminara essa fase da minha vida e nunca me arrependi. Talvez isso ocorresse também porque no Rio estava mais isolada. Dei-me o tempo e o espaço para seguir noutra direção. Foi como olhar-me ao espelho.

O Edifício de Pedra (2009) é um livro sobre a sensação de estar preso. Mas já alguma vez

tinha estado na cadeia quando o escreveu?

Não. Resultou de uma experiência coletiva que fui conhecendo ao longo de 40 anos. E o livro não é propriamente sobre a prisão, mas sobre uma longa, eterna, noite de humanos entre pedras. Há uma esquadra de polícia, celas, gritos vindos de uma câmara de tortura, corredores, mas não se passa exatamente numa cadeia.

Até que ponto a realidade foi ao encontro do que imaginava?

A prisão tem metáforas fortes, como as barras das celas. De repente, a metáfora torna-se realidade. Sentia-me como se estivesse num filme, num ambiente que me era estranho. E os primeiros dias são os mais horríveis. Passei cinco numa cela de isolamento, uma tortura muito dura. Além do mais, a cela estava muito suja. Depois, fui colocada na ala dos presos políticos. Sobrevivi com a ajuda das outras presas.

A experiência dos outros é muito importante. Ensinam-nos como sobreviver, o que fazer, o que não fazer, como tomarmos conta de nós. Devagar vamo-nos acostumando.

E não se ressentiu disso?

Claro que sim, até porque já tinha muitos problemas de saúde. Sentia o frio que havia na prisão quase como se estivesse na rua. Muitas vezes dormia com água quente, que metia em sacos de plástico. Uma vez houve até um pequeno acidente, porque um deles se abriu. Além disso, tenho uma prótese no pescoço e com qualquer pancada na cabeça ou na cara correria o risco de paralisia. Tinha sido operada à coluna. Mas nas prisões turcas há pessoas com cancro em estado terminal. Por isso, não posso queixar-me muito, atendendo à condição de outros. Ainda tive a sorte de poder tomar os medicamentos.

Foi presa sob que acusação?

O meu nome aparecia como consultora na ficha do Özgür Gündem, um jornal em língua turca que se vende em toda a parte e é perfeitamente legal. Tive lá uma coluna regular entre 2011 e 2013, e desde aí só escrevia de vez em quando. Mas o meu nome continua entre os consultores, um grupo em que um é editor, outra linguista, outro ecologista, tudo pessoas destacadas nos seus

campos. Os nossos nomes estão lá simbolicamente. Dois de nós viemos a ser presos, sem que se perceba porquê. Aliás, de acordo com a lei turca, os consultores nem têm responsabilidade editorial. Fui acusada de tentativa de destruição da unidade do Estado. É a mais grave das acusações, tanto que até era punida com a pena de morte e hoje ainda dá prisão perpétua. Isso implicaria ter tido não só a vontade como os meios. Seria preciso formar um exército para poder destruir o Estado! Fui também acusada de pertencer a uma organização terrorista e de fazer propaganda (dessa organização).

Não era acusada de pertencer ao PKK (Partido dos Trabalhadores do Curdistão)?

Sim. Fui inclusivamente acusada de ser dirigente e fundadora do PKK. Eram coisas para lá de insanas.

Que memória guarda da sua detenção?

Um grupo de polícias e de forças especiais irromperam pela minha casa como uma tempestade, com armas automáticas apontadas para mim. Fizeram buscas no meu apartamento durante sete horas, até porque tenho 3 500 livros. Havia cerca de 20 homens a fazer a busca e outros tantos na rua, a cercar o edifício. Até puseram atiradores no telhado! Portanto, foi toda uma operação muito cinematográfica. Pretendiam assustar toda a gente. As forças especiais estavam fardadas de preto, com a cara tapada.

Qual é a sua própria explicação para ter sido presa?

Muitas pessoas ficaram admiradas com a minha detenção, porque não sou uma pessoa com destaque político. Sou uma escritora de ficção que, de vez em quando, assina uma coluna num jornal, sempre numa linguagem branda. Nunca tive de ir a tribunal por causa de um texto meu. Mesmo em relação à questão curda, há muitas outras pessoas que defendem os direitos dos curdos. Creio que foi um aviso aos intelectuais e escritores do género 'mantenham-se afastados dos curdos, que nós tratamos do assunto.' Além disso, sou mulher e uma figura bastante solitária. Não tenho envolvimento político, não tenho um partido a apoiar-me. Portanto, era uma presa fácil.